

Câmara dos EUA busca saída para devedores

Um comitê da Câmara dos Estados Unidos recolheu sugestões para uma "evolução" e uma "revolução", no tratamento da dívida do Terceiro Mundo, ontem, durante o primeiro de dois dias de audiência pública de que participam influentes economistas e banqueiros americanos.

O banqueiro William Rhodes, presidente do comitê de bancos credores do Brasil, defendeu a evolução da atual estratégia, que combina novos empréstimos com esquemas de redução voluntária da dívida. Ele criticou as propostas de criação de um organismo internacional que recompraria a dívida dos bancos comerciais, com desconto, para depois cobrá-la dos países devedores, em termos melhores.

O economista Fred Bergsten, diretor do Institute for International Economics, relata o correspondente — Moisés Rabinovici, apresentou algumas propostas que fogem dos esquemas atuais, depois de ter participado de discussões sobre a revisão da estratégia americana para a dívida, que está sendo traçada pelo Departamento do Tesouro.

Bergsten sugere que o Banco Mundial use seu poder de dar garantias para tornar mais atrativos os **exit bonds**, ou títulos emitidos pelos países devedores aos bancos comerciais que queiram trocar seus créditos, com o desconto do mercado secundário, e sair do comitê de credores. Esta técnica poderia produzir uma redução de US\$ 40 a US\$ 50 bilhões da dívida.

Outra sugestão de Bergsten é a de que o Japão e outros ricos países sejam encorajados a prover empréstimos substanciais aos devedores que adotarem políticas de ajustamento econômico, através do Banco Mundial, permitindo-lhes assim a compra da própria dívida, no valor do mercado secundário — a dívida brasileira estava valendo, em 28 de dezembro, 40 a 41 centavos cada dólar, numa depreciação de cerca de 60%.

Bergsten ainda propôs que o Banco Mundial, o Banco Interamericano de Desenvolvimento e o FMI aumentem seus créditos aos países que estejam adotando reformas, para que eles possam crescer. Para isso, com o apoio do banqueiro William Rhodes, ele apelou para um aumento de capital e de cotas das três instituições.

Um diretor do General Accounting Office, dos EUA, Allan I. Mendelowitz, que também depôs ontem na Câmara, disse que não há solução possível para a crise da dívida sem reformas econômicas nos países em desenvolvimento.

Moratória

A dívida externa foi um dos principais temas tratados no encontro entre o presidente do México, Carlos Salinas de Gortari, e o presidente eleito da Venezuela, Carlos Andrés Perez, que chegou ontem à capital mexicana, para visita de apenas um dia. Os dois países enfrentam sérios problemas internos devido, principalmente, à dívida externa.

A Venezuela decretou recentemente a moratória de sua dívida, que atinge o montante de US\$ 30 bilhões, e o México tem um débito com seus credores internacionais da ordem de US\$ 104 bilhões.

Uma delegação venezuelana irá a Nova York dia 12 negociar com seus credores um aumento do período de moratória que será, segundo o jornal **O Nacional**, de Caracas, de seis anos. Vários observadores, acham, porém, que a capacidade de negociação da Venezuela é muito débil porque suas reservas internacionais estão praticamente chegando ao fim.

Carlos Andrés Perez assegurou que vai continuar lutando para conseguir a moratória pelo período de seis anos, "pois preferimos a firme negociação à confrontação", disse ele.

Ainda recentemente o secretário mexicano de Programa e Orçamento, Ernesto Zedillo, afirmou que seu país não vai recorrer à moratória para enfrentar o problema da dívida externa pois segundo ele "hoje temos uma economia saneada e um superávit". Diferente do México, a Colômbia vai solicitar a seus credores a prorrogação de sua moratória, já solicitada este ano, até junho de 89.